

Conjunto de cerâmicas da gruta da Ladroeira Grande (Moncarapacho, Olhão, Algarve) e os santuários subterrâneos, da Idade do Bronze Final, no Sul de Portugal

MÁRIO VARELA GOMES*
DAVID CALADO**

R E S U M O

Dá-se a conhecer núcleo de cerâmicas, atribuídas à segunda metade do II milénio a.C. (Idade do Bronze Final), recolhido há mais de um quarto de século, na gruta da Ladroeira Grande. Aquela ocorrência é posta em paralelo com outras, também procedentes de cavidades subterrâneas, que terão constituído santuários, ajudando a configurar realidade ainda mal conhecida.

A B S T R A C T

A group of pottery, recovered more than a quarter of a century ago, in the Ladroeira Grande's cave, from the second half of the 2nd millenium BC (Late Bronze Age), is now presented. Those finds are set in parallel with others, also found in caves, which are interpreted as sanctuaries, helping to configure a badly known reality.

1. História do achado

O pequeno conjunto de fragmentos de recipientes de cerâmica agora dado a conhecer foi recolhido na gruta denominada Ladroeira Grande, nos finais dos anos setenta da passada centúria, por elementos do então recém-formado Centro de Estudos Espeleológicos e Arqueológicos do Algarve, com sede em Moncarapacho.

Daquela instituição, oficialmente fundada em Julho de 1978, fizeram parte o malogrado João Humberto A. Viegas, seu grande impulsionador, Fernando M. S. V. Amaro, Nelson D. Marques e Ana Paula Viegas, entre outros, tendo então sido exploradas diversas cavidades subterrâneas no Algarve, algumas das quais desconhecidas, e editada brochura policopiada intitulada “Medusa –

Boletim Espeleo-Arqueológico”, de que julgamos ter saído apenas o primeiro número, com data de Agosto de 1979.

Dado que na publicação referida não se encontra qualquer referência à Ladroeira Grande, ou ao seu espólio, os trabalhos ali desenvolvidos devem ser algo ulteriores à edição daquela.

Em 1985, o Grupo de Espeleologia do Círculo Cultural do Algarve, hoje extinto, elaborou o levantamento esquemático, agora apresentado, da Ladroeira Grande, a quem agradecemos a sua cedência.

Além do acervo que adiante estudaremos, fomos informados, pelo Dr. Fernando Amaro, de que no mesmo local se descobriram restos osteológicos humanos (dentes e parte de maxilar) e fragmentos de placa de xisto. Aliás, fragmento decorado de um de tais artefactos, foi-nos mostrado, pelo nosso saudoso Amigo Dr. José Fernandes Mascarenhas, a quem aqui prestamos homenagem, não só pela sua actividade em prol da Arqueologia e da defesa do Património Cultural, mas como cidadão, dedicado às causas sociais.

Com o desmembramento do CEEAA e a morte prematura de João Humberto Viegas, parte das peças recolhidas na Ladroeira Grande dispersaram-se. O lote de cerâmicas, agora dado a conhecer, foi facultado para estudo a um de nós (D.C.) pelo Dr. José Fernandes Mascarenhas, que o guardava nas instalações da Santa Casa da Misericórdia de Moncarapacho, instituição da qual foi, durante longos anos, provedor.

2. Localização e ambiente natural

A gruta da Ladroeira Grande situa-se perto do cimo do Cerro da Cabeça ou de Moncarapacho, 2,5 km a norte daquela povoação, mostrando abertura em pequeno vale da sua vertente nascente (Fig. 1).

Aquele local pertence à freguesia de Moncarapacho, concelho de Olhão e distrito de Faro. As suas coordenadas geodésicas Gauss, aproximadas, são: X 315 165 (segundo a *Carta Militar de Portugal*, folha n.º 607, Moncarapacho, SCEP, 1980). As coordenadas UTM apresentaram 06.08.5 E/41.08.5 N.

O Cerro da Cabeça atinge 249 m de altitude, dali se abrangendo vasta panorâmica envolvente, alcançando para sul as planícies costeiras e o mar, que dista apenas 8 km. Para poente observa-se, a cerca de 4 km, o altivo cerro de São Miguel ou Monte Figo e, para norte, estende-se o Barrocal, até aos acidentados terrenos da vertente meridional da serra do Caldeirão, enquanto a nascente se avistam as campinas e o litoral, recortado pelas ilhas e canais da Ria Formosa.

Na base das vertentes este e oeste do Cerro da Cabeça, correm linhas de água subsidiárias do ribeiro do Tronco, que conflui no delta da Fuzeta. A 1 km, a norte, serpenteia o ribeiro das Ondas, actual limite de concelho de Olhão, desaguando na ribeira da Lagoa, afluente da margem direita do rio Séqua, que encontra o oceano junto a Tavira.

O substrato rochoso da zona do Cerro da Cabeça é constituído por calcários do Jurássico Superior, bio-calciclásticos, bio-construídos e margosos, em geral compactos e de cor cinzenta a rosada, atribuídos ao Kimeridgiano-Portlandiano A. Também ali existem afloramentos da impropriamente denominada “brecha de Tavira”, calcário bio-construído, rico em oncólitos coloridos, usado como rocha ornamental (Manuppella, Ramalho, Antunes e Pais, 1987a, p. 19, 41, 1987b, p. 14, 25).



Fig. 1 Localização da gruta da Ladroeira Grande (Moncarapacho, Olhão) (segundo a CMP, n.º 507, Moncarapacho, SCEP, 1980).

3. A gruta

A Ladroeira Grande integra o desenvolvido complexo cárstico do Cerro da Cabeça, de que fazem parte numerosas cavidades subterrâneas, nomeadamente a Ladroeira Pequena, Abismo Velho, Abismo Novo, Coluna, Garrafão, Algar Medusa e Pechinha, entre outras (Gomes e Gomes, 1988, p. 85-87; Machado e Machado, 1948, p. 455).

Foi Charles Bonnet (1850, p. 40) quem primeiramente registou a presença da Ladroeira Grande, “*Au sommet du Monte Carapaxo, (...)*”, como então escreveu, embora lhe não conferisse a

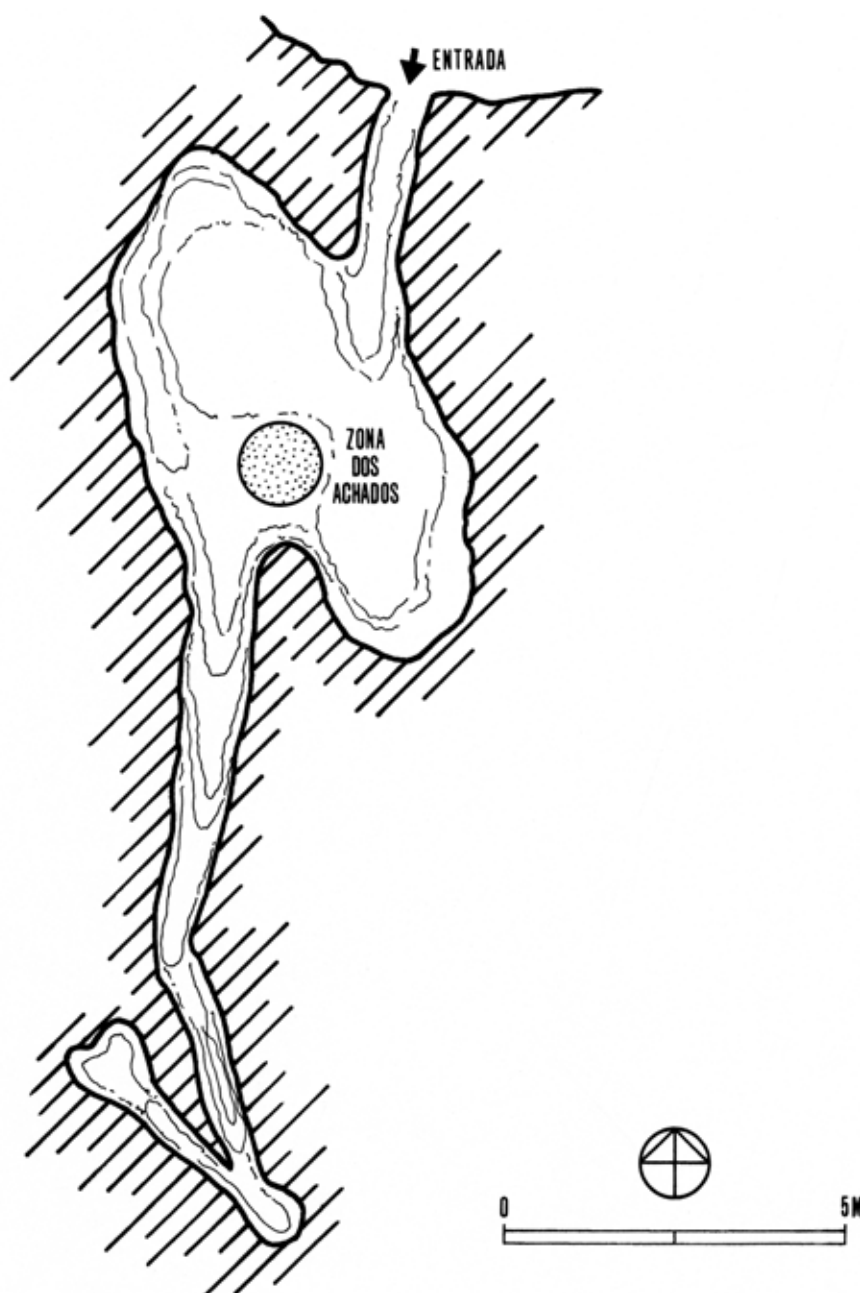


Fig. 2 Plano da Ladroeira Grande (seg. Grupo de Espeleologia do Círculo do Algarve, 1985).

importância que deu a outras grutas, como o Poço dos Mouros (Cerro da Pena) ou a Igrejinha dos Soidos (Alte). Também Estácio da Veiga (1886, p. 84, 85, 1887, p. 391, 1891, p. 106), haveria de dedicar diversas referências àquela gruta, sem que, todavia, ali descobrisse ou tivesse notícia de testemunhos da presença humana antiga. O mesmo arqueólogo refere a existência de sepulturas, do tipo cista, nas redondezas, bem como o achado de artefactos de pedra polida, dispersos pelos terrenos mais próximos.

Diversos autores ulteriores mais não têm feito que repetir os dados coligidos, sobre a gruta da Ladroeira Grande, por aquele pioneiro da arqueologia portuguesa.

A cavidade subterrânea que temos vindo a referir, rebaptizada Gruta de Afrodite, conforme lhe chamou o GECCA, tem a sua entrada na encosta voltada para nascente, da zona nordeste do Cerro da Cabeça, situada a aproximadamente 190 m de altura e, portanto, não longe do topo daquela elevação. O acesso ao interior faz-se através de pequeno poço, que dá passagem a curta galeria descendente, orientada no sentido norte-sul e que abre para sala. Esta oferece planta com forma ovalada, medindo 8 m de comprimento máximo e cerca de 4 m de largura média. Foi na zona central desta sala que se recolheu, à superfície do solo, mas em condições que desconhecemos, o espólio arqueológico agora estudado (Fig. 2).

No lado sul da sala desenvolve-se troço de longa galeria, descendente, com 10 m de comprimento, mostrando inflexão para sudeste no terço final. O troço terminal muda de direcção, dirigindo-se para noroeste e mede 4 m.

Trata-se, pois, de gruta com pequenas dimensões, aberta nos calcários pelas águas, ao longo dos milénios, cujo acesso é fácil e onde penetra alguma luminosidade solar.

A sua forma aproxima-se de outras pequenas cavidades subterrâneas, também escavadas nos calcários e utilizadas pelo homem pré-histórico, das penínsulas de Lisboa e Setúbal.

4. Espólio

As peças chegadas até nós e que permitem caracterização, formal e/ou funcional, são as que se descrevem em seguida (Fig. 3).

- Taça carenada (LD.GR.1).¹ Fragmento correspondendo a cerca de 1/4 do volume do recipiente. Oferece corpo com forma hemisférica, algo achatada, bordo introvertido e lábio de secção semicircular. Na ligação do bordo com o corpo observa-se carena, alta e acusada. Foi fabricada com pasta não muito homogénea nem compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão médio a grosseiro². Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam cor cinzenta escura (2.5YR 3/0)³. Estas foram bem alisadas e brunidas, conservando ainda, em algumas zonas, aspecto brilhante. Média 0,185 m de diâmetro no bordo, 0,076 m de altura e a espessura média das paredes é de 0,008 m.
- Vaso (LD.GR.2). Fragmento correspondendo a porção do bordo. Este era largo, extrovertido, em aba e fazendo ângulo de 30°. O lábio oferecia secção semicircular. Foi fabricado com pasta pouco homogénea, mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão médio e, alguns, de grão grosseiro. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes apresentam manchas, de cor castanha escura (2.5YR 4/6) a cinzenta escura (2.5YR 3/0), devidas a variações no ambiente de cozedura. As superfícies encontram-se espantadas. Média 0,200 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,006 m.

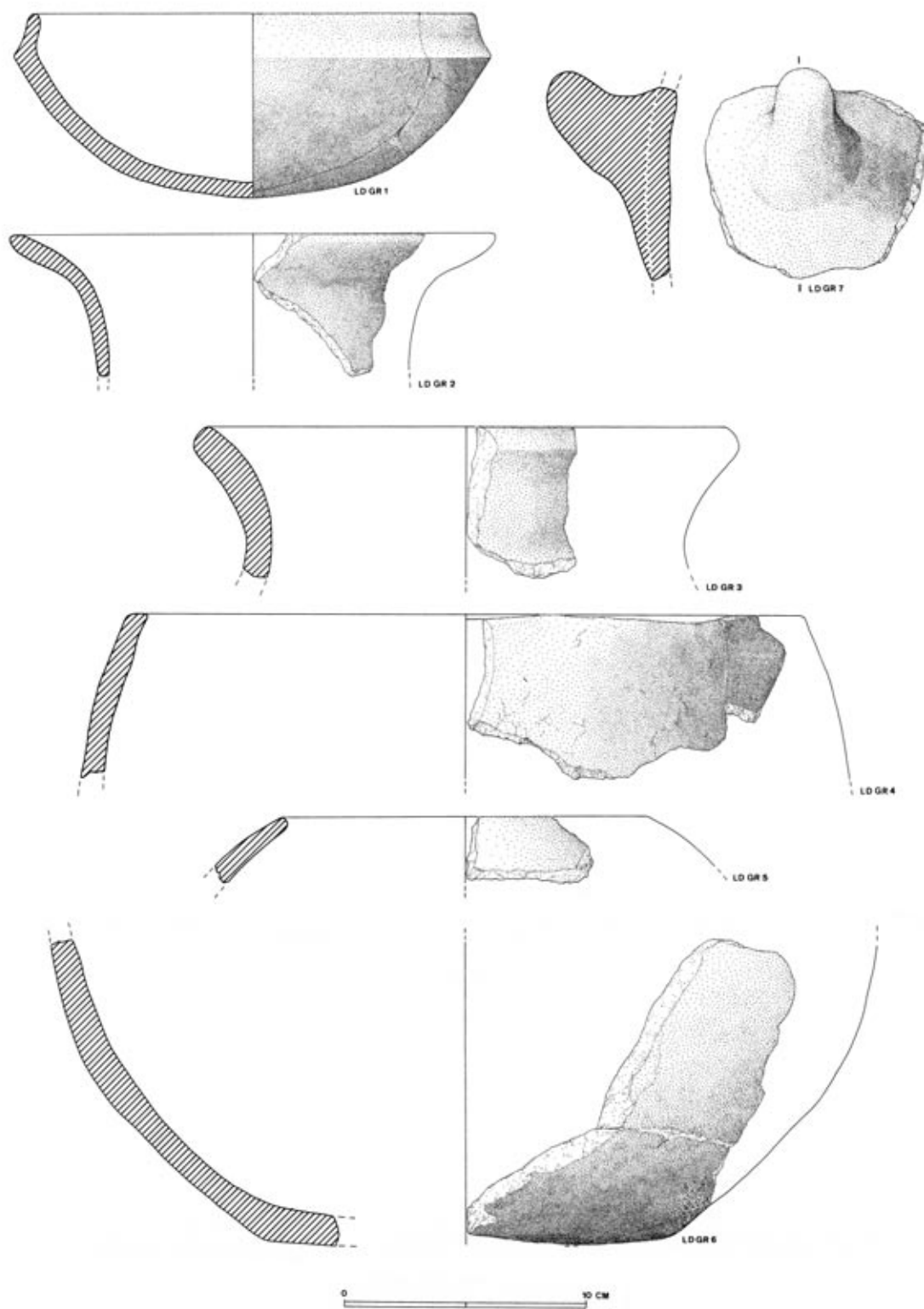


Fig. 3 Espólio da Ladroeira Grande (des. J. Gonçalves).

- Vaso (LD.GR.3). Fragmento correspondendo a porção do bordo, extrovertido, fazendo ângulo de 60°, possuindo lábio ligeiramente espessado e de secção semicircular. Foi fabricado com pasta pouco homogénea, mas compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão médio a grosseiro. O núcleo das paredes apresenta cor cinzenta escura (10R 3/1) e ambas superfícies oferecem cor vermelha (10R 4/6), contendo manchas de cor castanha acinzentada (10R 4/2), devidas a alterações no ambiente de cozedura. A superfície interna foi muito bem alisada e a externa espatulada. Média 0,220 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,010 m.
- Vaso (LD.GR.4). Fragmento correspondendo a porção do bordo e do corpo. Este teria forma subcilíndrica. O lábio era plano. Foi fabricado com pasta pouco homogénea e não muito compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão médio a grosseiro. Tanto o núcleo como a superfície interna das paredes oferecem cor cinzenta-escura (2.5YR 3/0), enquanto a superfície externa possui cor castanha (2.5YR 4/6), devido ao arrefecimento se ter processado em ambiente oxidante. Ambas superfícies foram bem alisadas. Média 0,280 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,009 m.
- Vaso esférico (LD.GR.5). Fragmento correspondendo a porção do bordo, introvertido e mostrando lábio plano. Foi fabricado com pasta pouco homogénea e pouco compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão grosseiro. O núcleo das paredes oferece cor cinzenta escura (2.5YR 3/0), a superfície interna apresenta cor alaranjada (2.5YR 5/6) e a externa cor castanha (2.5YR 3/6). Ambas foram bem alisadas e a exterior encontra-se espatulada. Média 0,150 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,008 m.
- Vaso (LD.GR.6). Fragmento correspondendo a porção do corpo e do fundo. Este era ligeiramente convexo. Foi fabricado com pasta muito pouco homogénea e pouco compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão grosseiro. Tanto o núcleo como a superfície interna das paredes oferecem cor cinzenta-escura (2.5YR 3/0), enquanto a superfície externa mostra cor castanha (2.5YR 3/4), tal como manchas de cor cinzenta a negra (2.5YR 3/0). Ambas superfícies foram bem alisadas, encontrando-se a interna espatulada. Mede 0,165 m de diâmetro no fundo e a espessura média das paredes é de 0,012 m.
- Vaso (LD.GR.7). Fragmento correspondendo a porção da parede do corpo e a elemento de prensão, de tipo mamilar. Este apresenta forma subcilíndrica e está encurvado para cima. Foi fabricado com pasta pouco homogénea e pouco compacta, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão médio a grosseiro. Tanto o núcleo como ambas superfícies das paredes oferecem cor castanha alaranjada (2.5YR 4/8) e encontram-se muito bem alisadas. A espessura média das paredes é de 0,009 m.

5. Cronologia e integração cultural

As formas e o tratamento das superfícies, tal como os ambientes de cozedura e arrefecimento, permitem a atribuição do acervo descrito à segunda metade do II milénio a.C. (Idade do Bronze Final).

Aqueles primeiros atributos encontram-se melhor representados através da taça possuindo carena alta e do vaso mostrando bordo em aba, aspectos muito característicos do período mencionado. Publicámos fragmentos de vasos que teriam forma semelhante ao daquele último, procedentes da gruta de Ibn Amar (Lagoa), oferecendo o mesmo tipo de bordo, embora menos desenvolvido (Gomes, Cardoso e Alves, 1995, p. 40, fig. 12) (Fig. 4). Também o fragmento de vaso possuindo bordo extrovertido (LD.GR.3), apesar de mais robusto, permite paralelos com peça da gruta de Ibn Amar (Fig. 4).

O fragmento com forte mamilo encurvado, recorda elementos de prensão pertencentes a grandes vasos exumados no acampamento de Pontes de Marchil (Faro). Dispomos de datação absoluta para este arqueossítio, através de análise de ^{14}C , que indicou cronologia de meados da segunda metade do II milénio a.C. (ICEN 648: 1261 AC), ou seja, compatível com o período denominado, para o Sul de Portugal, Idade do Bronze Final I (Silva e Gomes, 1992, p. 122-125).

Restos de vasos, com o corpo de forma subcilíndrica, providos de espessos mamilos, abaixo do bordo, foram encontrados nas grutas do Poço Velho (Cascais), onde também surgiram taças carenadas e pequeno recipiente com bordo extrovertido, atribuídos à cronologia acima assinalada (Carreira, 1990-1992, p. 234, 235).

Outro fragmento de vaso, com mamilo situado abaixo do bordo, foi exumado no nível (C11), do Castelo de Alcácer do Sal, correspondente à Idade do Bronze Final.

Aquela acompanhava taça com carena a meia altura, provida de fundo convexo, mostrando as superfícies brunidas e medindo 0,115 m de diâmetro, bem como fragmentos de vasos altos, subcilíndricos, com bordos ligeiramente extrovertidos e lábios planos, semelhantes aos da Ladroeira Grande (Silva, Soares, Beirão, Dias, Coelho-Soares, 1980-81, p. 170, 171).

Taças com carena alta e grandes vasos com bordo vertical ou ligeiramente fechado, associados a outros de colo estrangulado e bordo extrovertido, tal como a recipientes providos de mamilos, a maioria cozidos em ambiente redutor e semelhantes aos da Ladroeira Grande, provêm do povoado fortificado, da Idade do Bronze Final, da Coroa do Frade (Évora) (Arnaud, 1979, p. 76-79).

O vaso com fundo plano da Ladroeira Grande, integra a atribuição que temos vindo a conferir ao conjunto de fragmentos daquela cavidade subterrânea, não só pelo tipo de pasta e tratamento das superfícies que apresenta, como pelo facto de até ao III milénio a.C. (Calcolítico) os recipientes de grandes dimensões possuírem, em geral, fundo convexo.

O segundo atributo disponível, capaz de nos indicar a cronologia das cerâmicas agora dadas a conhecer é, conforme mencionámos, o tratamento das superfícies. Observámos superfícies sempre bem alisadas, em alguns casos espatuladas (LD.GR.3, L.D.GR.5, L.D.GR.6) e, em outro exemplar, brunidas (LD.GR.1), características das produções dos inícios da Proto-História.

As cores das superfícies dos recipientes, cujos fragmentos chegaram até nós, sugerem preferência pelos tons escuros, de castanhos e cinzentos, obtidos através de cozedura em ambiente redutor.

Aquele cromatismo, aliado ao efeito espatulado ou ao brunido das superfícies, confere aos recipientes aparência metálica, talvez tentando reproduzir, em cerâmica, protótipos de bronze ou metais preciosos, então existentes no Mediterrâneo Oriental (Buchholz e Karageorghis, 1973, p. 340, 343, 345).

Os aspectos indicados permitem datar as cerâmicas da Ladroeira Grande, e as actividades que elas denunciam, no último quartel do II milénio a.C. (ca 1200-1000 a.C.), correspondendo à Idade do Bronze Final I.

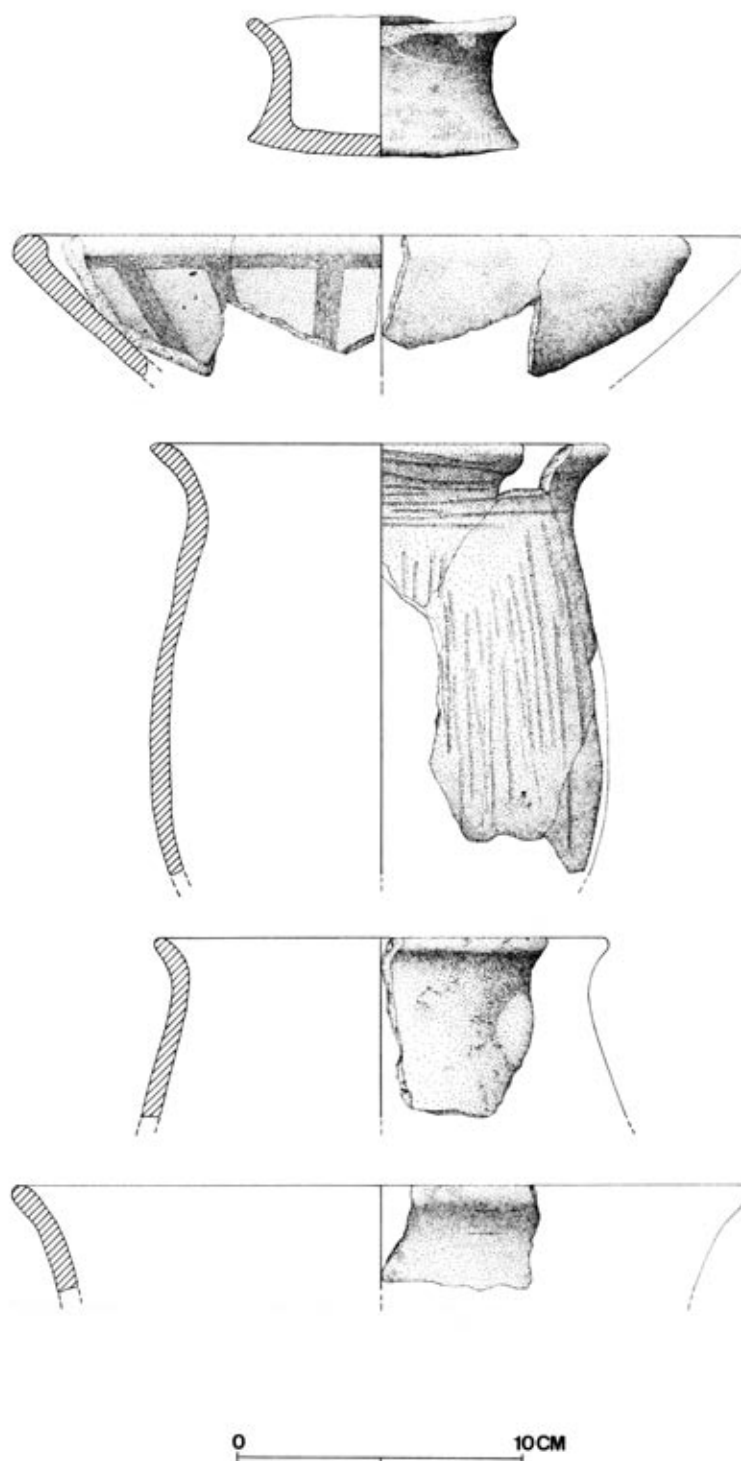


Fig. 4 Cerâmicas da gruta-santuário de Ibn Amar (Lagoa) (segundo M. V. Gomes).

6. Santuários subterrâneos

Grutas do Maciço Calcário Estremenho, das Penínsulas de Lisboa e Setúbal, como do Algarve, têm proporcionado espólios da Idade do Bronze Final. Estes, por não se encontrarem associados a restos antropológicos, inviabilizam que os classifiquemos como funerários, embora também não permitam que os consideremos como testemunhos de actividades quotidianas decorrentes da habitação de tais espaços. De facto, não raro surgem naqueles contextos cerâmicas de alta qualidade, produzidas com pastas bem depuradas, de paredes finas, com formas elaboradas e elegantes, mostrando superfícies espatuladas ou cuidadosamente brunidas, algumas destas até exibindo diferente cromatismo, constituindo complexas decorações de carácter geométrico. Estas cerâmicas tanto eram produzidas local ou regionalmente, como podem ter sido importadas.

Julgamos que aqueles acervos, onde não raro se associam outros materiais, designadamente artefactos metálicos, tiveram função votiva, tendo sido ritualmente depositados nos espaços subterrâneos, em alguns casos junto de ocorrências de água ou de mananciais, no quadro de actividades sócio-religiosas. Estas estariam conotadas com a crença na presença, em tais lugares, de espíritos ou de divindades de carácter aquático e/ou ctónico.

Os espaços subterrâneos, onde os homens procuravam o contacto com o transcendente e as forças da fertilidade, capazes de originarem e de manterem a vida, ou de reproduzirem a cultura, tornando-se verdadeiras grutas-santuário, continuaram longa tradição que remonta, pelo menos, ao Paleolítico Médio, quando ali se desenvolveram os primeiros enterramentos e outras práticas de carácter ritual.

Importa sobrelevar que os finais do II milénio a.C. (Idade do Bronze Final), no actual território nacional, correspondem a tempo onde se observa grande polimorfismo das formas de culto, surgindo numerosos tipos de santuários rupestres, como os localizados em grutas, em abrigos ou ao ar livre, onde nestes dois últimos, pinturas e, sobretudo, gravuras, constituem os derradeiros testemunhos de manifestações religiosas, a par de outros junto a penedos, nascentes e linhas de água onde, não raro, se constituíram depósitos votivos.

Praticar-se-iam, então, cultos às forças da natureza ou ingénitas, a par dos prestados aos antepassados e, nomeadamente, aos considerados heróis-civilizadores, que conhecemos representados em estelas funerárias, onde foram heroicizados, sendo conotados com deuses ameaçadores e solares, talvez de origem próximo-oriental (Gomes, 1990; Silva e Gomes, 1992, p. 118-122).

Aparentemente a Ladroeira Grande corresponde a gruta-santuário de altura, enquanto, por exemplo, a gruta de Ibn Amar terá enformado outro daqueles locais sagrados, onde existiu lago, situando-se junto às águas do rio Arade, que a invadiam ciclicamente.

Os artefactos exumados naquela gruta do Barlavento Algarvio, atribuíveis à Idade do Bronze Final, são abundantes, contando com pequena taça de carena baixa e acusada, grandes taças, talvez carenadas, vasos com corpo subcilíndrico e bordo extrovertido, um deles mostrando paredes espatuladas, e taça cujo interior oferece decoração brunida, de cor escura, formada por grande círculo radiado no interior, possivelmente com carácter soliforme (Gomes, Cardoso e Alves, 1995, p. 38, 40, fig. 12) (Fig. 4).

Não longe, no sítio das Fontes Grandes, junto de nascentes que abastecem linha de água subsidiária do rio Arade, descobriram-se, no século XIX, duas lâminas de machados planos, de cobre/bronze, com largo gume arqueado, que poderão denunciar deposição ritual, integrada em cultos relacionados com aquele manancial (Veiga, 1891, p. 270; Gomes, Cardoso e Alves, 1995, p. 34, fig. 7).

Outros pares de armas de bronze parecem ter tido a mesma finalidade, como os pares de espadas encontrados nos arredores de Évora e em Safara (Moura), formando conjuntos votivos,

com paralelo no par de espadas figurado na rocha 53 do Cachão do Algarve, no Vale do Tejo. Estes testemunhos ilustram deposições de carácter ritual, conotadas com as forças ctónicas, devendo colocar-se em paralelo com crenças e comportamentos responsáveis pelas muitas armas e outros objectos lançados às águas de fontes, lagos e rios, durante práticas mágico-religiosas ocorridas na Europa Central e em toda a sua Fachada Atlântica, sobretudo durante os finais do II milénio a.C. (Idade do Bronze Final) (Meijide Cameselle, 1988, p. 79-87; Gomes, 2001, p. 80, 81, fig. 13).

Na Península de Setúbal, em zona sobranceira ao mar e não longe do Cabo Espichel, localiza-se a gruta conhecida por Lapa do Fumo, onde E. da Cunha Serrão (1958, 1959, 1970) exumou restos de, pelo menos, vinte vasos de cerâmica brunida, com ornatos coloridos (Fig. 5).

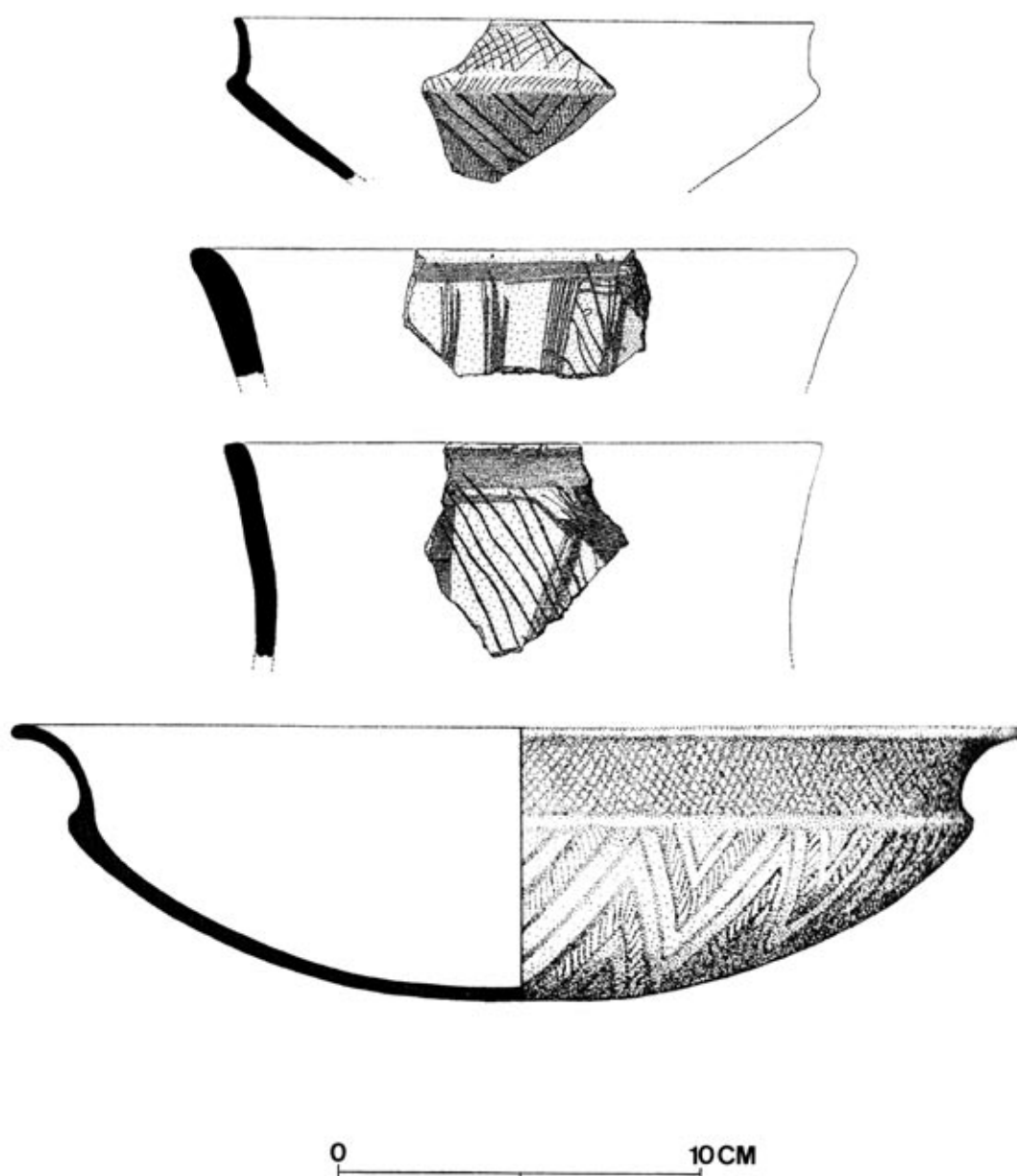


Fig. 5 Cerâmicas da Lapa do Fumo (Sesimbra) (segundo Serrão, 1959, est. IV e Cardoso, 1996).

Aquele espólio apresentava características então inéditas na Proto-História peninsular, e a sua presença na cavidade subterrânea não encontra outra explicação senão a de ter constituído deposições ou oferendas votivas e de, portanto, estarmos perante mais uma gruta-santuário, da Idade do Bronze Final. Apesar da convicção de Cunha Serrão (1959, p. 345) de ali ter havido enterramentos atribuídos aos meados do II milénio a.C. (Idade do Bronze Médio), às cerâmicas da Idade do Bronze Final não se associavam restos osteológicos humanos, pelo menos de modo estruturado. E o mesmo autor, cujas preocupações metodológicas são bem conhecidas, é peremptório ao afirmar “ (...) *alguns vasos que parecem não ter sido depositados na gruta em resultado de um ritual funerário, são de fabrico demasiadamente esmerado para que os possamos considerar de carácter meramente utilitário, (...)*” e, mais adiante, “*Ainda não pude averiguar com segurança o motivo da sua presença, mas ocorre-me que poderia muito bem ser por razões de ritual religioso, se em certas épocas, a Lapa do Fumo foi tida na conta de gruta sagrada onde se iriam fazer oferendas e talvez sacrifícios*”, passando a dar exemplos de famosas grutas-santuário cretenses (Serrão, 1959, p. 347).

A excelente qualidade das cerâmicas brunidas da Lapa do Fumo, as suas formas compósitas e elegantes, assim como o barroquismo decorativo, indicam pertencerem à Idade do Bronze Final II, período que também denominámos, horizonte Roça do Casal do Meio-Ervidel II (Silva e Gomes, 1992, p. 123-125).

Todavia, é na Península de Lisboa que tem sido detectado maior número de grutas contendo materiais da Idade do Bronze Final, designadamente cerâmicas, podendo, grande parte delas, corresponder a santuários subterrâneos.

No concelho de Oeiras, a gruta da Ponte da Laje, evidenciou testemunhos que ascendem, pelo menos, ao Paleolítico Superior e, também, restos de grandes recipientes de cerâmica, da Idade do Bronze Final.

Aqueles contentores conduziram a que a cavidade subterrânea fosse interpretada como local para armazenamento de provisões (Cardoso e Carreira, 1996, p. 349), aspecto que temos dificuldade em aceitar, dado o panorama funcional relacionado com a frequência humana das grutas durante a Idade do Bronze Final. Contudo, se tal aconteceu, deverá ser encarado como fenómeno de excepção.

Nas grutas do Poço Velho, em Cascais, onde encontrámos paralelos para o espólio da Ladroeira, exumaram-se taças carenadas e recipientes maiores, da Idade do Bronze Final, conforme anteriormente referimos (Carreira, 1990-1992).

Localizada mais a norte que as duas cavidades subterrâneas anteriormente mencionadas, a gruta do Correio-Mor, no concelho de Loures, entregou igualmente fragmentos de recipientes de cerâmica da Idade do Bronze Final.

São menos conhecidos os materiais do Fojo dos Morcegos, na Assafora (Sintra), pequena gruta onde se encontraram cerâmicas com ornatos brunidos (Marques, 1971, p. 147; Marques e Andrade, 1974, p. 135).

Também a gruta do Cabeço do Castelo, na Maceira (Vimeiro, Torres Vedras), ofereceu cerâmicas com decoração incisa e brunida, tal como fragmentos de capacete de bronze, espólio que guarda o Museu do Instituto Geológico e Mineiro, supostamente correspondendo a restos de antigas deposições rituais (Zbyszewski e Viana, 1949, p. 121, est. I).

Naquele mesmo concelho, a gruta conhecida por Cova da Moura guardava, entre artefactos com diferentes cronologias, conjunto de taças carenadas, machado e ponta de flecha, da Idade do Bronze Final (Spindler, 1981, ests. 23, 32) (Fig. 6, A-C).

No concelho de Rio Maior, o abrigo das Bocas entregou diversos artefactos de bronze, entre os quais, ponta e conto de lança, tal como fragmentos de taças carenadas, lisas e decoradas, de taças hemisféricas e de potes, datáveis na segunda metade do II milénio a.C. (Carreira, 1994, ests. XXII-XXXV, XXXIX, XL) (Fig. 6, D-G).

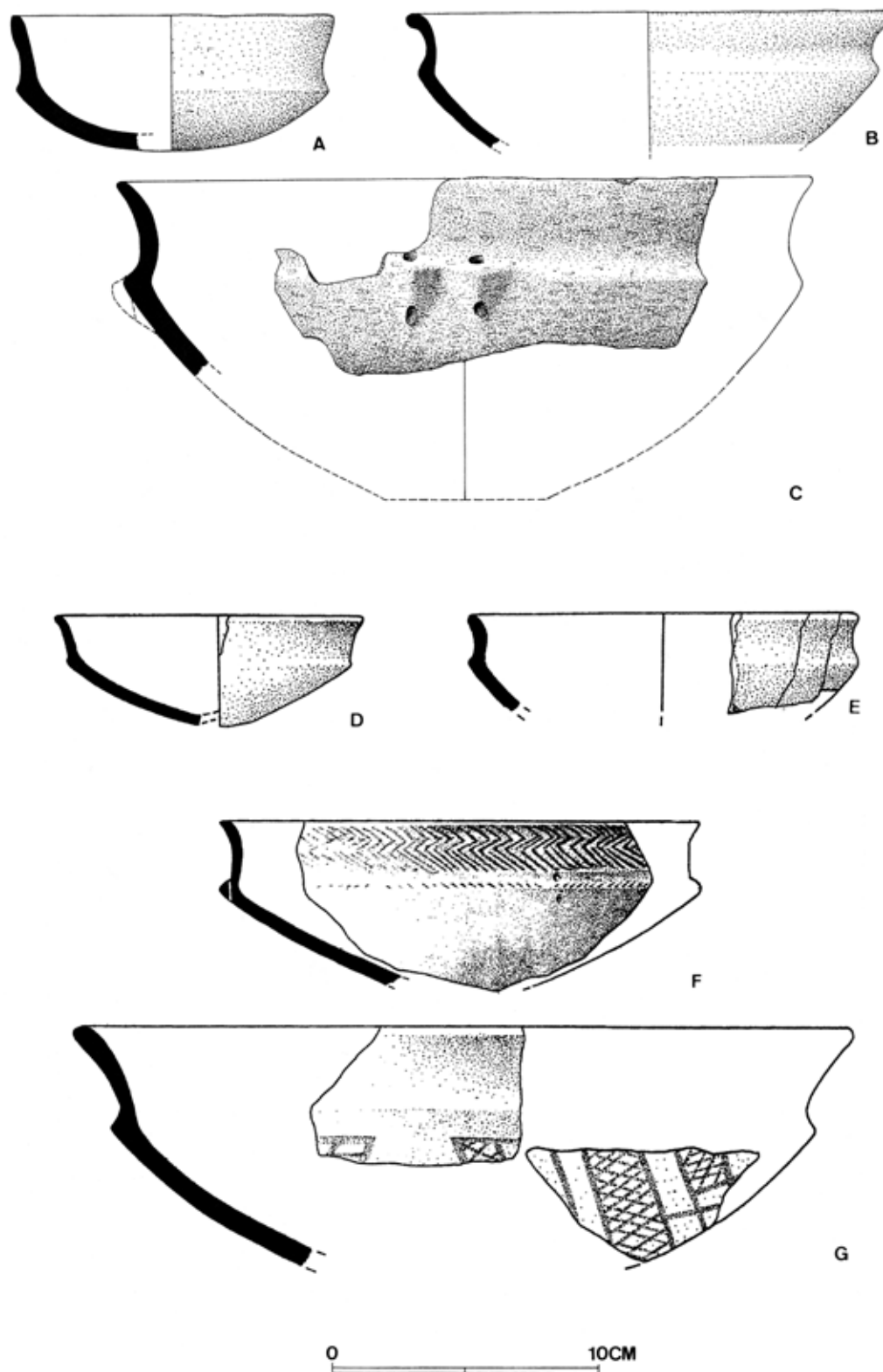


Fig. 6 Cerâmicas da Cova da Moura (Torres Vedras) (A-C) (seg. Spindler, 1981, est. 32) e do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior) (D-G) (segundo Carreira, 1994, p. 122).

Certamente que investigação mais aprofundada revelará outras grutas contendo materiais arqueológicos da Idade do Bronze Final, constituindo possíveis deposições de carácter ritual. No entanto, os relatos e a documentação publicada sobre as condições de jazida de tais acervos estão, quase sempre, ausentes e, nas raras vezes em que existem, tornam-se inconclusivos. Constituem excepção o acervo da cerâmicas, sumptuárias ou de prestígio, da Lapa do Fumo e as informações agora disponíveis sobre a Ladroeira Grande, onde nos transmitiram o facto daquelas se encontrarem à superfície e ao centro da única sala do espaço subterrâneo.

Podemos acrescentar que talvez as cerâmicas da Ladroeira Grande, dadas as suas características e nomeadamente a ausência de decoração, tenham sido produzidas tendo em vista outras funções, que não as religiosas, talvez ligadas à vertente económica, sendo usadas nas actividades quotidianas. Contudo, em determinado momento foram transformadas ou convertidas em oferendas ou ex-votos, ou fizeram parte daqueles, integrando-se no mundo sócio-religioso, e nas suas práticas rituais, como contentores de oferendas. A presença de recipientes partidos, ou apenas de alguns dos seus fragmentos, poderá corresponder a reflexos de gestos rituais, em particular à necessidade de confirmar-se deliberadamente a impossibilidade da sua reutilização, ou seja, da sua profanação, depois do uso sagrado. No entanto, não esqueçamos que aqueles objectos foram depositados/usados há mais de três milénios tendo, desde então e até aos nossos dias, sofrido impactos de cariz natural e/ou antrópico, por vezes difíceis, ou até impossíveis, de determinar.

7. Conclusões

As grutas, lugares escuros, silenciosos, em geral húmidos e correspondendo a espaços limitados, contendo formações geológicas peculiares, foram consideradas, durante a Pré e a Proto-História, locais sagrados e de culto, capazes de conduzirem ao interior da terra, ao lugar de residência das forças da Natureza, onde existiam os mistérios do nascimento e da morte, da génese de deuses e heróis mas, também, da ligação com o transcendente e o conhecimento superior.

Os santuários em grutas foram muito difundidos em todo o Mediterrâneo, durante o II e I milénios a.C., talvez sendo o mais bem conhecido daqueles lugares de culto a gruta do monte Ida, em Creta, onde se venerava Zeus e se encontraram escudos, alguns votivos e de cerâmica, outras armas, tal como vários objectos, entre os quais recipientes de cerâmica, (Frothingham, 1888).

Além da gruta do monte Ida e de numerosos pequenos santuários subterrâneos existentes naquela ilha, foram muito famosas grutas como a dedicada a Zeus (*Akraios*), na Tessália, a situada na acrópole de Atenas e consagrada a Apolo, a Gruta de Pan, na planície de Maratona, aquela onde exercia o seu mister a Pitonisa, em Delfos, a de Hermes em Patsos ou a de Kato Akrotiri, em Amorgos (Rutkowski, 1986, p. 47-71, 200, 201, 210; Jones, 1999).

Ao aspecto misterioso das grutas associavam-se as características que fazem delas o oposto dos espaços abertos e, facilmente reconhecíveis, nelas existindo, por vezes, mananciais onde brotavam águas com propriedades medicinais, ou tidas como milagrosas. Elas foram, por excelência, lugares de culto e espaços de iniciação, com acesso restrito, onde se encenaram rituais de passagem, e mergulhava nas profundezas da terra ou até nas águas primordiais, quiçá mesmo no ventre da grande deusa-mãe, mas onde também se conheciam alguns dos segredos ali guardados, voltando-se ao exterior renascido e com novo estatuto. Será que a destruição/morte física de artefactos votivos, nomeadamente de cerâmicas, constituiu metáfora daquela prática social?

T. Moneo (2003, p. 301), na esteira de outros autores, relacionou os testemunhos de actividades sócio-religiosas, encontrados no interior de certas cavidades subterrâneas, com rituais iniciáticos

próprios das fratrias de jovens guerreiros pertencentes ao mundo indo-europeu. A presença de água importava à passagem para o além ou à comunicação com o transcendente, encontrando-se aquele elemento conotado com divindades femininas e guerreiras (González-Alcalde, 1993, 2002-2003).

Tal como também aconteceu nos santuários subterrâneos gregos, designadamente cretenses, a maior parte dos testemunhos arqueológicos chegados até nós, consiste em cerâmicas comuns, usadas no quotidiano doméstico, à mesa ou no armazenamento, e apenas pequena percentagem corresponde a recipientes propositadamente produzidos tendo em vista a sua utilização em contexto sagrado (Rutkowski, 1986, p. 67). É possível que recipientes de menores dimensões, como as taças, tenham servido para libações. Todavia, os recipientes de grandes dimensões poderiam conter cereais, oferecidos às divindades, talvez no âmbito de práticas religiosas relacionadas com a produção agrícola. Podemos, ainda no mesmo quadro religioso, colocar a hipótese de tais recipientes terem como finalidade guardar alimentos consumidos em refeições rituais, por vezes denunciadas por leitões de cinzas, ou destinarem-se à obtenção de bebidas fermentadas, produzidas a partir de cereais, ou de frutos. Estas seriam ingeridas no âmbito das actividades sócio-religiosas desenvolvidas na gruta, aspecto para o qual dispomos de abundantes paralelos etnográficos contemporâneos. Outros produtos seriam embalados em vasos de cerâmica e oferecidos às divindades que se acreditava existirem, ou revelarem-se, nos espaços subterrâneos. Recordemos, por exemplo, que, conforme inscrição de Creta, durante o período Minóico, a cidade de Cnossos enviava, ciclicamente, recipientes repletos de mel para gruta existente em Amnisos, onde se prestava culto à deusa ctónica Eileithyia (Rutkowski, 1986, p. 64).

As oferendas eram colocadas junto de estalactites, em fissuras, por vezes seriam lançadas em fendas e, mais raramente, dispostas em altares, pavimentos ou recintos, artificialmente construídos. Depositaram-se ex-votos junto de ocorrências de água ou nas zonas mais profundas e inacessíveis das grutas, onde talvez se tenham processado libações às divindades que se cria ali habitarem. Recordemos que J. Aparicio Pérez (1976, 1997) reconheceu a presença de depósitos votivos, dos séculos VI-II a.C., junto de zonas de queda, de passagem ou de retenção de água, numa trintena de grutas-santuário da Região Valenciana, de Castellón de la Plana a Alicante.

As primeiras sociedades produtoras de alimentos terão considerado as grutas como espaços de culto ligados a divindades femininas, possivelmente à grande deusa-mãe, talvez representada através de colunas estalagmíticas, enquanto na Idade do Bronze Final surgiu um novo conceito de divindade ctónica, mais dinâmica e masculina (*smiting god*), sendo acompanhada por deusa-consorte, cujos espaços sagrados se situavam não só em grutas, mas preferencialmente em locais altos. Deve entender-se que nem todos os arqueossítios onde se detectam testemunhos de manifestações religiosas, da Idade do Bronze Final, corresponderiam a locais de culto dedicados à mesma divindade.

Importa, em trabalhos futuros, tentar resolver muitas das incertezas agora apresentadas, relacionar a existência das grutas-santuário do Sul de Portugal (Fig. 7), com os povoados seus contemporâneos e as estratégias de povoamento de então, para conseguirmos perceber de que modo aquelas segmentariam o espaço, ou até o hierarquizariam, tendo em conta a sua significativa importância sócio-religiosa. Não esqueçamos que as sociedades dos finais do II milénio a.C. (Idade do Bronze Final), do Sudoeste Peninsular, heroizavam os seus líderes político-militares, atribuindo-lhes atributos próprios dos deuses-ameaçadores, aparentemente com origens próximo-orientais, que se acreditava serem capazes de estimular as forças ctónicas e a vida, cujo culto se praticaria em abrigos e grutas, mas também ao ar livre e em necrópoles.

Além de reconhecermos a unicidade da estrutura social das comunidades humanas (Godelier, 1978), também aceitamos a relação entre o modo de produção dominante e a forma de culto

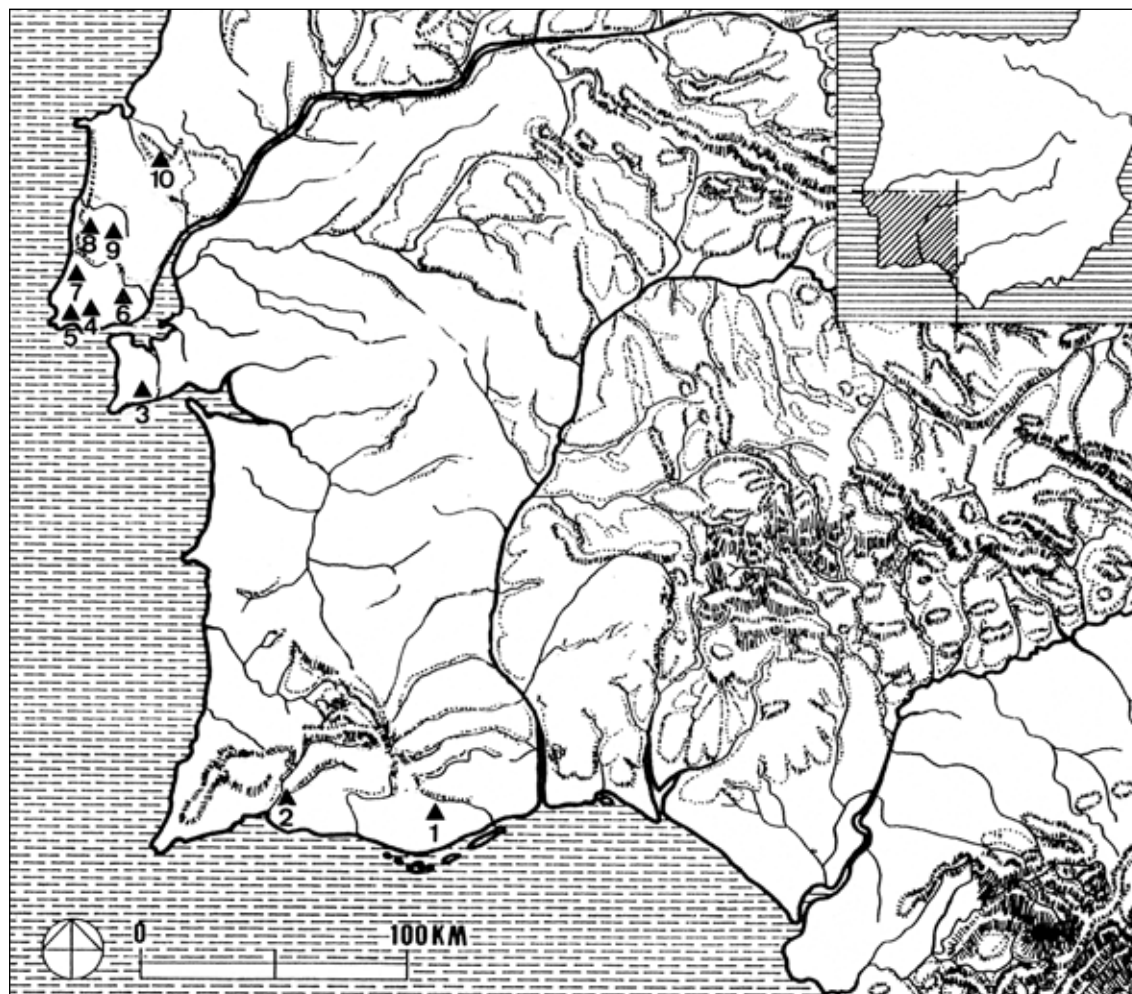


Fig. 7 Grutas-santuário, da Idade do Bronze Final, do Sul de Portugal. 1 - Ladroeira Grande (Olhão); 2 - Ibn Amar (Lagoa); 3 - Lapa do Fumo (Sesimbra); 4 - Ponte da Laje (Oeiras); 5 - Poço Velho (Cascais); 6 - Correio-Mor (Loures); 7 - Fojo dos Morcegos (Sintra); 8 - Cabeço do Castelo (Torres Vedras); 9 - Cova da Moura (Torres Vedras); 10 - Abrigo das Bocas (Rio Maior) (as localizações são aproximadas).

dominante, ou seja, entre a estrutura sócio-económica e o tipo de religião praticada (Wallace, 1966; Brøgger, 1977). Neste sentido, a forma de culto dominante deve reflectir a estrutura social onde, em última análise, o papel da economia é determinante (Godelier, 1978). Assim, nas sociedades pré-burocráticas ou pré-estatais, como seriam as dos finais do II milénio a.C., no Sul de Portugal, quem detinha a reprodução da cultura, muito possivelmente elites guerreiras e teocráticas, dominava a sociedade (Gomes e Monteiro, 1976-1977, p. 328-330; Silva e Gomes, 1992, p. 113, 122; Gomes, 1990). Locais sagrados e de culto, como a gruta da Ladroeira Grande, constituíam, então, centros de poder ligados aos mecanismos estruturantes da sociedade, de controle ideológico e, em última análise, de coerção.

NOTAS

- * Academia Portuguesa da História e Academia Nacional de Belas-Artes. Docente do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da U.N.L. Av. de Berna, 26 C – 1069-061 Lisboa.
- ** Técnico Superior do Instituto Português do Património Arquitectónico
Rua Francisco Horta, 9, 2.º – 8001-906 Faro
- ¹ Os códigos , com que marcámos cada peça arqueológica, referem o nome da gruta LD.GR e número de ordem convencionado.
- ² Classificámos os e.n.p. como de grão fino quando mostram diâmetros inferiores a 0,5 mm, de grão médio quando aqueles medem entre 0,5 mm e 1,0 mm, e de grão grosseiro os que apresentam dimensões superiores àquelas.
- ³ Os índices cromáticos referem-se às *Munsell Soil Color Charts* (1975) e, por isso, devem entender-se como aproximados.

BIBLIOGRAFIA

- APARICIO PÉREZ, J. (1976) - El culto en cuevas en la Región Valenciana. *Revista de la Universidad Complutense*. Madrid. 25, p. 9-30.
- APARICIO PÉREZ, J. (1997) - El culto en cuevas y la religiosidad protohistórica. *Quaderns de Prehistòria i Arqueologia de Castelló*. Castelló de la Plana. 18, p. 345-358
- ARNAUD, J. M. (1979) - Coròa do Frade. Fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora: escavações de 1971/1972. *Madriider Mitteilungen*. Heidelberg. 20, p. 56-100.
- BRØGGER, J. (1977) - Socio-economic structures and the form of religion. *Themenos*. Turku. 13, p. 7-30.
- BONNET, C. (1850) - *Mémoire sur le Royaume de l'Algarve*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- BUCHHOLZ, H.-G.; KARAGEORGHIS, V. (1973) - *Prehistoric Greece and Cyprus*. London: Phaidon Press.
- CARDOSO, J. L. (1996) - O Bronze Final da Baixa Estremadura e as cerâmicas do ornatos brunidos da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 5, p. 6-14.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. (1996) - Materiais cerâmicos da Idade do Bronze da gruta da Ponte da Laje (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 341-350.
- CARREIRA, J. R. (1990-1992) - As ocupações das Idades do Bronze e do Ferro das Grutas do Poço Velho (Cascais). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 8-10, p. 229-245.
- CARREIRA, J. R. (1994) - A Pré-História Recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 2, p. 47-144.
- FROTHINGHAM, A. L. (1888) - Early bronzes recently discovered on Mount Ida in Krete. *American Journal of Archaeology*. Boston, MA. 4, p. 431-449.
- GODELIER, M. (1978) - Infrastructures, societies and history. *Current Anthropology*. Chicago, IL. 19, p. 763-771.
- GOMES, M. V. (1990) - O Oriente no Ocidente. Testemunhos iconográficos na Proto-História do Sul de Portugal: *smiting gods* ou deuses ameaçadores. *Estudos Orientais*. Lisboa. 1, p. 53-106.
- GOMES, M. V. (2001) - Arte rupestre do Vale do Tejo (Portugal). Antropomorfos (estilos, comportamentos, cronologias e interpretações). In *Semiótica del Arte Prehistórico*. Valencia: Diputación Provincial, p. 53-88.
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L.; ALVES, F. J. S. (1995) - *Levantamento arqueológico do Algarve - Concelho de Lagoa*. Lagoa: Câmara Municipal.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (1988) - *Levantamento arqueológico-bibliográfico do Algarve*. Faro: Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura.
- GOMES, M. V.; MONTEIRO, J. P. (1976-1977) - As estelas decoradas da Herdade do Pomar (Ervidel, Beja): estudo comparado. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, p. 281-343.
- GONZÁLEZ-ALCALDE, J. (1993) - Las cuevas-santuario ibéricas en el País Valenciano: un ensayo de interpretación. *Verdolay*. Murcia. 5, p. 67-78.
- GONZÁLEZ-ALCALDE, J. (2002-2003) - Cuevas-refugio y cuevas-santuario en Castellón y Valencia: espacios de resguardo y entornos iniciáticos en el mundo ibérico. *Quaderns de Prehistòria i Arqueologia de Castelló*. Castelló de la Plana. 23, p. 187-240.
- JONES, D. W. (1999) - *Peak Sanctuaries and Sacred Caves in Minoan Crete. A Comparison of Artifacts*. Jonsered: Paul Åströms Förlag.
- MACHADO, A. de B.; MACHADO, B. de B. (1948) - Inventário das cavernas calcárias de Portugal. *Publicações do Instituto de Zoologia do Porto "Dr. A. Nobre"*. Porto. 36, p. 444-473.
- MANUPPELLA, G.; RAMALHO, M.; ANTUNES, M. T.; PAIS, J. (1987a) - *Notícia explicativa da Folha S3-A, Faro*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- MANUPPELLA, G.; RAMALHO, M.; ANTUNES, M.T.; PAIS, J. (1987b) - *Notícia explicativa da Folha S3-B, Tavira*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

- MARQUES, G. (1971) - Fojo dos Morcegos - Assafora (Sintra). In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra: Ministério da Educação Nacional. Vol. I, p. 143-150.
- MARQUES, G.; ANDRADE, G. M. de (1974) - Aspectos da Proto-História do território português I - Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). In *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*. Porto: Ministério da Educação Nacional, p. 125-148.
- MEIJIDE CAMESELLE, G. (1988) - *Las espadas del Bronce Final en la Península Ibérica*. Santiago de Compostela: Arqueohistorica.
- MONEO, T. (2003) - *Religio Iberica. Santuarios, ritos y divindades (siglos VII-I a.C.)*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- PAÇO, A. do; VAULTIER, M. (1943) - A gruta de Porto-Covo. In *Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Lisboa, p. 118-129.
- RUTKOWSKI, B. (1986) - *The cult places of the Aegean*. New Haven: Yale University Press.
- SERRÃO, E. da C. (1958) - Cerâmica proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra), com ornatos coloridos e brunidos. *Zephyrus*. Salamanca. 9, p. 177-186.
- SERRÃO, E. da C. (1959) - Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra). In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. Vol. I, p. 337-359.
- SERRÃO, E. da C. (1970) - As cerâmicas de “retícula bruñida” das estações arqueológicas espanholas e com “ornatos brunidos” da Lapa do Fumo. In *Actas das I Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol. II, p. 271-307.
- SILVA, A. C. F. da; GOMES, M. V. (1992) - *Proto-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J.; BEIRÃO, C. M. de M.; DIAS, L. F.; COELHO-SOARES, A. (1980-1981) - Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 149-218.
- SPINDLER, K. (1981) - *Cova da Moura: die Besiedlung des atlantischen Küstengebiets Mittelportugals vom Neolithikum bis an das Ende der Bronzezeit* (Madrider Beiträge; 7). Mainz: Philipp von Zabern.
- VEIGA, S. P. M. E. da (1886) - *Antiguidades Monumentaes do Algarve - Tempos Prehistoricos*. Vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VEIGA, S. P. M. E. da (1887) - *Antiguidades Monumentaes do Algarve - Tempos Prehistoricos*. Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VEIGA, S. P. M. E. da (1891) - *Antiguidades Monumentaes do Algarve - Tempos Prehistoricos*. Vol. IV. Lisboa: Imprensa Nacional.
- WALLACE, A. (1966) - *Religion: an anthropological view*. New York, NY: Random House.
- ZBYSZEWSKI, G.; VIANA, A. (1949) - Grutas de Maceira (Vimeiro). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 12, p. 114-125.